

Valor Econômico, 08 de janeiro de 2021

Emoções, política e economia

O populismo atual não tem agenda econômica. Ele apenas quer manter vivas as emoções que o elegeram

Por: Armando Castelar Pinheiro

No livro de Robert Shiller que discuti na minha coluna anterior (Narrative Economics), sublinhei uma passagem que conversa com uma ideia que tenho faz tempo: “Os economistas tendem a escrever teorias como se um ditador benevolente pudesse implementar um plano específico para alcançar o maior bemestar social. Mas não temos tal planejador. Temos pessoas que podem ser egoístas, altruístas ou ambas”.

Ora, a constatação de Shiller interessa pouco quando a teoria é usada para prever para onde vai a economia, ou para avaliar políticas públicas. Mas é central quando se deseja aprovar reformas ou mudar a direção da política econômica. Numa democracia, em especial, não basta fazer propostas, é preciso convencer o eleitor. É preciso inserir as propostas na política.

No Brasil, temos falhado nesse convencimento, em que pesem as excelentes análises e argumentos teóricos e empíricos de porque as reformas importam. Isso explica porque há mais de 30 anos temos uma agenda de reformas que pouco anda.

Como mudar isso? Como fazer para avançar mais e evitar retrocessos? Na busca de uma resposta, li o livro *The Monarchy of Fear*, de Martha Nussbaum, uma filósofa que leciona Direito e Ética na Universidade de Chicago. O livro fala de Trump, da polarização política nos EUA e de emoções, tema que Nussbaum já trabalhou em outros livros.

E emoções interessam, pois, como observa o livro, “a política é sempre emocional”. Isso é ainda mais verdade na onda populista que varre o mundo, calcada em provocar emoções, de raiva, de repulsa, de discriminação. Uma estratégia que engajou a mídia e tornou as redes sociais um local de fake news e de isolamento em grupos de pensamento

uniforme. O resultado não poderia ser outro: a forte polarização do eleitorado, que interessa aos populistas, pois mantém vivas essas emoções.

No livro, Nussbaum tenta construir uma alternativa, um caminho que leve os EUA a emoções que favoreçam políticas geradoras de bem estar. Ela faz isso argumentando que o medo está na raiz das emoções ruins estimuladas pelos populistas e que por isso é preciso entender as fontes do medo, algo que trazemos do berço. Esse seria o caminho para provocar a esperança, que, citando os filósofos da antiguidade, ela observa ser o primo do medo: uma forma positiva de lidar com um futuro incerto. Aqui ela cita Cícero: “Você deixará de temer, se deixar de ter esperança”.

Para pensar o Brasil de hoje, os capítulos 3 a 5, que falam de raiva, repulsa e inveja, são centrais. Essas são as emoções mais trabalhadas, à direita e à esquerda, por vários políticos e canais de mídia. E isso não vem de hoje, ainda que tenha se acentuado nos últimos anos.

A raiva é a emoção mais interessante dessas três, a meu ver. “A América é um país raivoso”, conclui Nussbaum. O Brasil também, penso eu. Para definir o que é raiva, Nussbaum recorre a Aristóteles: “a raiva é uma resposta a um dano significativo em algo ou alguém com quem nos preocupamos, e um dano que a pessoa zangada acredita ter sido injustamente infligido. Aristóteles acrescenta que, embora a raiva seja dolorosa, também traz dentro de si uma agradável esperança de vingança ou retribuição”.

Como observa Nussbaum, a raiva nem sempre é ruim, se ficar restrita à indignação, sem adentrar o estágio da vingança. Isso pois ela motiva as pessoas à ação, a querer corrigir o que está errado. A fazer reformas econômicas, por exemplo. A defesa da reforma administrativa tem buscado gerar raiva em quem não é funcionário público. Collor se elegeu presidente em 1989 gerando raiva dos “marajás”. E isso acabou viabilizando reformas discutidas há anos e que pareciam impossíveis, como a abertura comercial, a privatização e o fim de muitas regulações e institutos públicos que travavam a competição.

O populismo atual, porém, não tem agenda econômica. Ele apenas quer manter vivas as emoções que o elegeram. Além disso, a raiva que pode motivar as reformas compete com várias outras, não só das declarações

populistas, mas também da falta de segurança, de saneamento, de emprego, temas que atraem o leitor / telespectador.

O que fazer? Uma resposta é apelar para o estoicismo, se desligar das coisas e não se deixar envolver por emoções. Quem não espera também não teme, diz Cícero. Mas isso é renegar a obrigação que temos todos de deixar para nossos filhos e netos uma nação melhor, de, como defendia Kant, “nos engajarmos em ações que produzam resultados sociais valiosos”. Devemos cultivar o que Nussbaum chama de uma esperança prática: “uma esperança que esteja firmemente ligada a, e que energize, o compromisso com a ação”.

A esperança elegeu Obama em 2008 (“Yes, we can”) e, em certa medida, Lula em 2002. Por que não seguirmos por esse caminho? A eleição de 2022 é uma oportunidade para construir essa esperança, para vencer a raiva, a repugnância e a inveja que os populistas buscarão provocar. Isso passa por uma agenda de reformas, mas também por lembrar o amor que temos por nosso país, nossa gente, nossa arte. O amor que tinham Sócrates, Cícero, Mandela, entre outros heróis, por seus países e povos.

Link original: <https://valor.globo.com/opiniaao/coluna/emocoes-politica-e-economia.ghtml>